



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eca de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por C. D.—*A campanha do Tonkin*, por Pinheiro Chagas.—*Feias e bonitas*, por Nautilus.—*Cancioneiro do Herminio*, por Alberto Pimentel.—*Edital*, versos, por Joaquim Lima.—*Os crimes elegantes*, romance, (continuação), por Gervasio Lobato.—*As nossas gravuras*.—*Em familia (Passatempo)*.—*A vir.*—*Um conselho por semana*.—*Em terra feira gorda*, conto, por Alfredo Gallis.

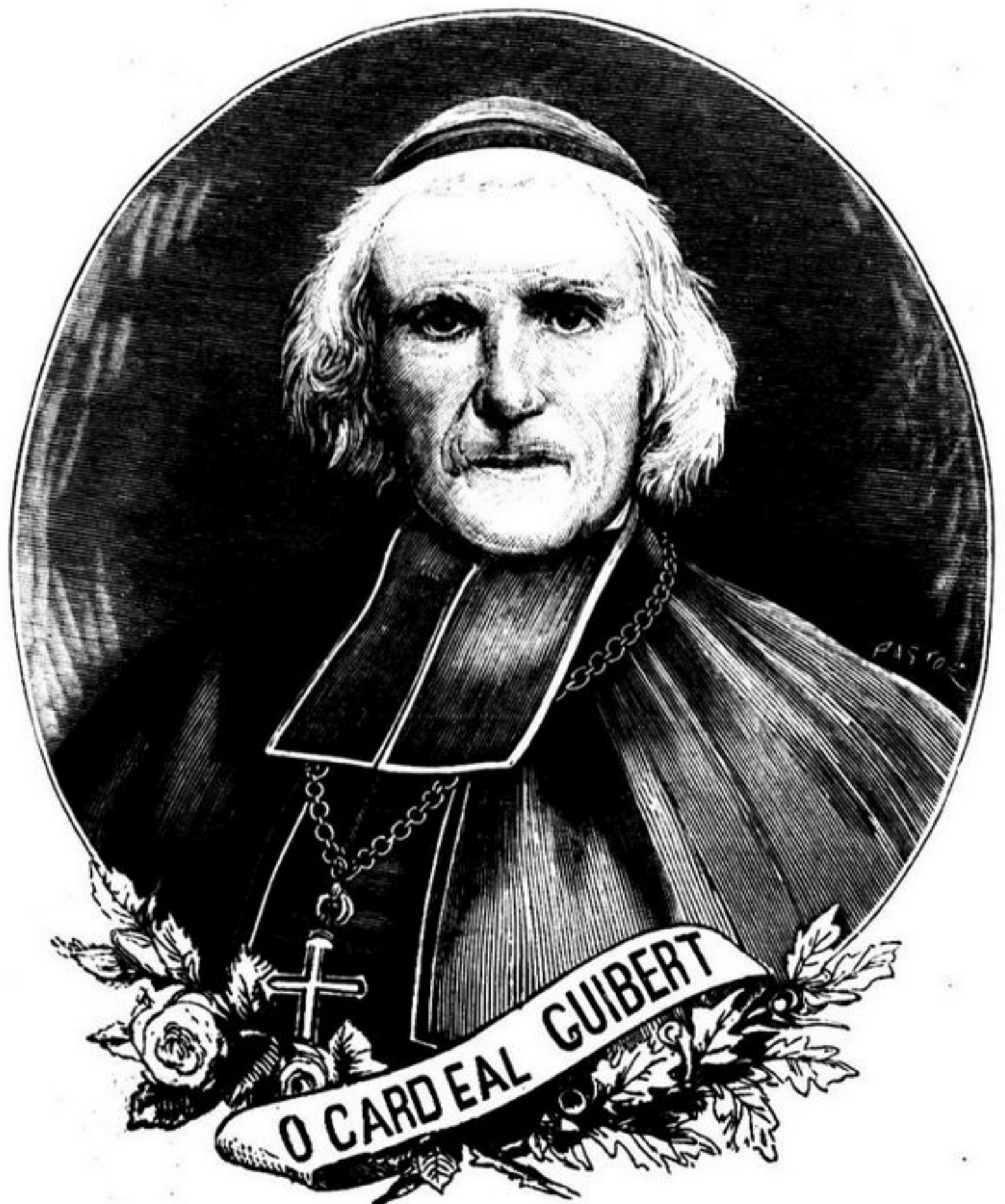
GRAVURAS:—*O cardeal Guibert*.—*O deputado francez Clovis Hugues, e sua esposa*.—*Um passeio sobre o gelo*.—*Em pleno sertão*.—*Bakhtché-sérai*.

CHRONICA

E venham depois cá dizer-me os chronistas mandriões que não houve assumpto. Venham, se são capazes!

Podia ter faltado tudo o mais, as brisas consoladoras e meigas,—como diriam os bardos piegas da Arcadia— a agua do Alviella, o vil metal nas arcas do Thesouro, mas assumpto houve-o de sobra, a rôdo, ás mãos rotas, com uma prodigalidade excepcionalmente assombrosa, com uma fartura de banquete rico e bem servido, onde os pratos se contam por dezenas.

Tamanha foi a abundancia d'elle.—Deus louvado!—que até se vê a gente forçada a deitar fóra a maier parte,



como fazem os pescadores do Norte com a sardinha, quando a safara é grande e o povinho das praias não chega para lhe dar vasão.

Nas ruas foi tanto, que chegava a saltar das pedras. Nos jornaes e na politica foi tantissimo, que daria bem para umas poucas d'operas buffas em varios actos.

Nunca se vio coisa assim!

Diz-se que Jupiter era a divindade tutelar d'este mez quente, symbolisado na figura d'um homem nú, crestado pelos ardores da soalheira, com os cabellos ruivos, coroado d'espigas, tendo por principaes attributos um cabaz d'amoras em uma das mãos, uma cigarra e um guarda-sol na outra. Nós acrescentar-lhe-iamos ainda mais um attributosinho:—uma cornucopia de escandalos picantes, de factos extraordinarios, de successos imprevistos—porque de tudo isso houve, e á farta, no calido mez de Julio Cesar.

A politica, então, encarregou-se de fornecer os pratos de resistencia, todos elles succulentos e chorudos, com muita pimenta e muito vinagre, como convêm a um *menu* de dictadura, fabricado pelos Wattel do progressismo indigena.

Entre as iguarias do famoso banquete dictatorial, servido ao paiz esfaimado, figuraram um codigo administrativo, em molho de vilão; dois decretos sobre aposentações, de escabeche; outro annexando ao municipio de Lisboa o concelho dos Oliveas e creando um novo concelho em Loures; outro organisando o serviço de fazenda publica nos concelhos e districtos; outro reorganizando a secretaria das obras publicas, commercio e industria; outro ainda reformando a engenharia, e mais um outro abolindo o imposto do sal. Estes ultimos serviram-se em *mayonnaise*.

Como succede sempre em todas as festas pantagruelicas, houve contentes e descontentes. Alguns, acharam as comidas fortes de mais, e foram tomar uma soda no fim do jantar, para rebater. Outros, que teem os estomagos affeitos a digerir tudo, lamberam os beiços sobre a ingestão da reforma de engenharia e deram vivas ao cosinheiro.

Varios conselheiros de districto apanharam a sua indigestão de codigo administrativo, e houve mais d'um amanuense de secretaria que teve de recorrer ao medico, para se curar da colica produzida pelo petisco das aposentações. A casca de pepino, aconselhada em taes casos, foi impropicia.

De todos os pratos, o que provocou mais vivido entusiasmo nos commensaes, foi a abolição do imposto do sal. Na sua alta sabedoria de hygiene, entendeu o governo que este imposto iniquo dava lugar a *damnos irreparaveis* na saude dos pobres, e botou-o abaixo. Aveiro, agradecida, acolheu a abolição com foguetes de tres respostas, e fez zunir os arames com telegrammas congratulatorios e campanudos.

D'ora avante, os pobres terão saude de ferro, porque já teem sal barato. D'isso comerão, coitados, já que não podem apanhar os cereaes vendidos pelos olhos da cara e sobrecarregados com direitos d'arromba.

Não havendo pão á farta salve-se ao menos o chlorureto de sodio. O que seria, sem elle, das gerações vindouras, da panella caseira e dos bifés de cebolada...

A Chronica não assistio ao festim como conviva, mas leu o *menu*, vio depois a descripção do banquete, e ha de pagar mais tarde a sua quota parte das despezas do bródio, que fôram puxadas.—Mesmo sem ter provado das iguarias? perguntas-lhe tu, leitora?—Mesmo sem isso. N'estes casos, quem menos come, mais paga. Por muito feliz se dará ella se não a aposentarem á força, com 20 0/0 dos emolumentos, depois de a terem querido desterrar...

Compreende-se facilmente que as medidas de dictadura—da *infima dictadura*, como por ahi a appellidam com menos propriedade—tivessem sido o assumpto magno da semana, do mez inteiro. Mas houve mais, gravitando em torno d'ellas como satellites. Os casos dignos de menção contaram-se ás duzias, aos quarteiros, ás centenas mesmo, como já se contam na praça da Figueira as melancias.

A maior parte d'elles impozeram-se á nossa attenção e á nossa critica sob a forma epistolar. Cada caso, cada epistola. Pode até chamar-se á semana finda a semana das cartas, um repositorio de missivas de todos os generos e para todos os paladares. Bem entendido, não entra no numero a Carta Constitucional, porque essa é lettra morta e já ninguem faz caso d'ella.

O primeiro a deitar epistola, foi o sr. Vicente Monteiro, ex-governador civil, ex-secretario geral do ministerio dos estrangeiros, ex-ministro na Hollanda, ex-ecibatario e não sabemos se ex-membro da commissão reorganizadora da policia civil. S. ex.^a, não podendo aturar os *cyrillos* diplomatas da sua secretaria, despediu-se d'elles á franceza, veio á imprensa, e zás:—Carta n.º 1.

O segundo foi um vereador de Idanha a Nova, que veio até Lisboa, peregrino audacioso, missionar contra a dictadura, e entregou na dextra real, de envolta com a representação do seu burgo indignado, uma carta subscriptada para a esposa ausente. A malidicencia indigena começou a coscovilhar que era uma carta de namoro, mas não era tal. Provou-se ulteriormente que os vereadores de Idanha não namoraram nunca. E duas.

Em seguida, o illustre chefe da opposição regeneradora, sabendo que, pelo ministerio da fazenda, se mandára chancellor com a sua firma titulos de 5 % ao portador, para substituirem os de assentamento da conversão de 81, averbados e guardados na Caixa geral dos depositos, apitou contra a falsidade d'aquelles titulos, e enviou carta de protesto ao diario da antiga rua dos Calafates.—Epistola n.º 3.

Veio depois o sr. José Luciano, e disse-lhe que estivesse tranquillo, que o governo ia emendar a mão, etc.—Missiva n.º 4.

E mais, e muitas mais, que a Chronica não menciona por não dispôr de bastante espaço.

Depois das cartas, os duellos. Houve tambem d'isso um pouco, se bem que não tenhamos a lamentar morte de homem, e que as actas, um mimo poetico de sabor accentuadamente parnascano, nos fallem do encontro nos termos seguintes:—«...A manhã estava limpa e serena; o sol ia a romper, havendo já larga claridade quando se effectuou o combate...»

Mutatis, mutandis, já o sr. Thomaz Ribeiro dissera o mesmo n'uns doces versos inolvidaveis, antes de fazer prosa azeda no *Imparcial*.

Depois d'este reclamo lyrico á belleza das manhãs limpas e serenas do campo, com o sol a romper lá muito ao longe e a derramar claridades diamantinas sobre o tapete verde dos prados, qual será o mortal que se não sinta ahi disposto a fazer a permuta de duas balas com qualquer adversario, *sub tegmine fagi*?

No entretanto, ha quem prefira ouvir tranquillamente á noite, no *Grande Restaurant da Avenida*, entre um sorvete de morangos e dois dedos de palestra, o celebre *minucto* de Boccherini, suspirado por seis bons artistas, ou assistir, no Colyseu, ás primeiras recitas da companhia lyrica a dois tostões, n'uma bella companhia que nos deu já o *Hernani*, e que se prepara para mais altas cavallarias dando-nos o *Ruy Blas*.

A Chronica entra no numero das individualidades pacatas que optam por estes encantadores passatemplos nocturnos, e tanto, que vae gozal-os muitas vezes, para te poder contar d'aqui a oito dias as suas impressões.

A CAMPANHA DO TONKIN

II

Os acontecimentos iam provar ao governo da republica franceza que, julgando alargar apenas um pouco o seu dominio colonial, se mettera n'uma expedição que, se lhe não preparava catastrophes irremediaveis, vibrava um golpe profundo ás suas finanças e ia ser causa das mais graves agitações politicas.

Effectivamente julgou-se a paz definitivamente assegurada, e, não se lembrando o governo francez da perfidia tradicional das côrtes orientaes, mandára até retirar já algumas tropas, o batalhão de marinheiros fuzileiros que partira para Madagascar, o regimento de infantaria de linha que se preparava para embarcar, quando de subito a columna do tenente coronel Dugenne, que ia occupar na fronteira de Quang-Só, Lang-Tin, That-Khé e Cao-Bang esbarrava no dia 23 de julho de 1884 com importantes forças chinezas.

D'ahi resultou um conflicto em que os setecentos homens do tenente coronel Dugenne, apesar da sua bravura, foram batidos pelos Chinezes, que lhes infligiram uma perda de cerca de oitenta homens. Este desastre é conhecido pelo nome de combate de Bac-Lè.

A noticia, chegando a França, produz uma verdadeira agitação, e a guerra com a China é decidida.

O almirante Courbet dirige-se com a sua esquadra para as aguas chinezas, procura actuar na diplomacia, que segundo o systema da côrte do Celeste Imperio, protrahe o mais possivel as negociações, e espera seis semanas, com as embarcações ligeiras dentro do rio Min que lhe viesse a ordem de abrir as hostilidades. Está fora do nosso resumido quadro occuparmo-nos d'essa guerra maritima franco-chineza, que principiou no dia 22 de agosto de 1884, e em que os Chinezes revelaram qualidades notaveis. A' custa de muitos sacrificios, de muita tenacidade e de muita bravura, conseguiu o almirante Courbet metter a pique em Fou-Tcheu uma parte da esquadra da China, bombardear o arsenal, e destruir as fortificações d'esta cidade, tomar Kelung e bloquear inutilmente a ilha Formosa. Entretanto porém continuavam com grande actividade as operações em terra.

O corpo expedicionario francez mudára mais uma vez de commandante. O general Millot retirára para França, e ficara-o substituindo no Tonkin o general Brière de l'Isle. O principio do seu commando foi assignalado por um novo desastre. A 22 de outubro tres canhoneiras francezas, que percorriam o Loch-Nan, atacavam os Chinezes, e eram obrigadas a retrogradar, tendo só em officiaes de terra e mar trinta e nove fóra de combate. Custou-lhes caro o reconhecerem que o governo de Pekin concentrára no theatro da guerra forças importantes. Esse desastre foi resgatado por duas victorias, alcançadas no dia 6 e no dia 10 de outubro pelo coronel Donnier, que se estabeleu solidamente nas margens do Loch-Nan.

Ao mesmo tempo o general Négrier marchava sobre Lang-Son, mas vagarosamente atravez de mil difficuldades, tomando a aldeia de Kep, depois de um combate violento, em que as perdas francezas subiram a perto de cem homens, e em que sobretudo reconheceram que o inimigo não era para desprezar, que se batia e bem que, instruido por habeis officiaes, já sabia manobrar á européa.

Apezar d'estas pequenas victorias, a marcha sobre Lang-Son estava paralyzada, e os Chinezes tinham até a audacia de retomar a offensiva. Descendo das montanhas, procuravam assaltar o mercado de Haho. Repellia os a legião estrangeira, mas tendo perdas que não eram inferiores a 50 homens.

Entrára o anno de 1885 e o prolongamento d'esta guerra começava a espantar a Europa. A 3 de janeiro do novo anno o general Négrier batia de novo os Chinezes em Auchan, e d'essa vez de um modo mais decisivo porque lhe tomava duas baterias Krupp; mas perdia cerca de noventa homens, e continuava a conservar-se longe de Lang-Son. O governo francez inquieto mandava novos reforços, que se compunham de dois batalhoes de zuaivos, dois esquadrões de spahis e duas baterias de artilharia.

Mas o general Brière de l'Isle considerava a sua honra militar empenhada na terminação da guerra, e resolvera dar um golpe decisivo. Concentrou as suas duas brigadas nas margens do Loch-Nan, e a 2 de fevereiro rompeu a marcha sobre Lang-Son. A 3 de fevereiro tem de tomar as fortes posições de Tay-Hoa, a 5 as de Ha-Ha, a 6 as de Dong-Song, a 10 as de Deo-Quan, a 11 as de Pho-ki, e finalmente a 12 toma á escala vista as posições que cobrem Lang-Son, e entra finalmente n'esta cidade, mas á custa de perdas relativamente enormes; seis dias de combate custaram aos Francezes 71 mortos, 299 feridos gravemente, sem contar os que tinham apenas feridas leves. Essa marcha sobre Lang-Son ficou sendo porém um dos mais brilhantes feitos de armas dos Francezes n'esta campanha do Tonkin.

Para emprehender esta marcha audaciosa á frente de um exercito relativamente numeroso, o general Brière de l'Isle viu-se forçado a reduzir muito as guarnições do Tonkin, e emquanto

tomava Lang-Son, a praça de Tuyen-Quan, situada na margem do rio Claro, era cercada pelo exercito do Yunnan, debaixo das ordens de Luh-Vinh-Phuoc. Foi a 25 de janeiro de 1885 que este energico chefe oriental assentou os seus arraiaes diante de Tuyen-Quan á frente de um exercito de mais de 20.000 homens, e não esperava de certo que a praça lhe resistisse por muito tempo, porque era um pardieiro, dominado de todos os lados. Defendia-a porém o tenente-coronel Dominé, á frente de 600 homens, e o tenente-coronel Dominé tem já hoje o seu nome consagrado entre os mais heroicos da historia franceza. A recompensa d'estes seus brilhantes feitos de armas teve-a elle ha poucos dias em Paris quando, entrando na revista de 14 de julho á frente das tropas vindas do Tonkin, foi freneticamente aclamado pela população parisiense.

Debalde Luh-Vinh-Phuoc amudou os assaltos, e bombardeou a praça. Sete assaltos successivos foram energicamente repellidos pelos heroicos sitiados. O bombardeamento ia a pouco e pouco demolindo o pardieiro, e dizimando a guarnição. Nada consegue abalar o bravo tenente-coronel, nem abater o animo da guarnição, que de 600 homens estava, ao cabo de um mez, reduzida a 400.

Brière de l'Isle sabia do que se passava e estava profundamente inquieto. Apenas consolidou o seu dominio em Lang-Son, deixou a occupar essa posição a brigada do general Négrier, e com a outra, commandada pelo coronel Giovanninelli, marchou rapidamente em soccorro de Tuyen-Quan. A 27 de fevereiro desembarcou em Bac-Hat, concentrou-se em Phu-Doan, e a 28, depois de se abastecer copiosamente, marchava em auxilio do tenente-coronel Dominé.

As tropas orientaes não eram já o que os Europeus suppunham. A lenda dos dragões pintados para metter medo ao inimigo vae cedendo o lugar a realidades mais sérias. Sentiram-n'o os Francezes nos combates que travaram para libertar Tuyen-Quan, ao atacarem em Hoa-Moc o acampamento entrincheirado de Luh-Vinh-Phuoc, defendido por 15.000 homens. «Nunca desde Phusa, escreve um official que tomou parte no combate, tinhamos encontrado tamanha resistencia; batiamo-nos nas altas hervas; metralhados á queima-roupa por um inimigo bem entrincheirado; foi necessario desenvolver um heroismo digno de admiração para despedaçar todos os obstaculos.»

A batalha de 2 de março, ou batalha de Hoa-Moc foi a mais terrivel de toda a campanha. Á noite o coronel Giovanninelli estava senhor da posição dominante. No dia 3 de março assaltava as posições restantes, á duas horas e meia o inimigo estava em plena retirada, levantava o cerco de Tuyen-Quan, cujos defensores caíam com entusiasmo nos braços dos que os vinham salvar. O general Brière de l'Isle e o coronel Giovanninelli felicitavam calorosamente o tenente-coronel Dominé pela sua defeza de trinta e seis dias.

Diz com razão um historiador d'esta campanha que a França perdeu uma excellente occasião de fazer a paz. A defeza de Tuyen-Quan e a tomada de Lang-Son tinham levantado o prestigio das armas francezas, e facilitavam a conclusão de uma paz honrosissima.

E' verdade que, exactamente na occasião em que Tuyen-Quan era descercado, na fronteira chineza se empenhavam de novo as hostilidades. Expulsas de Lang-Son as tropas chinezas tinham-se concentrado na chamada Porta da China.

Para estar mais desaffogado o general Négrier marchou sobre elles, e bateu-os a 23 de fevereiro em Cua-Ai, obrigando-os a evacuar That-Khé. Era uma imprudencia, desde o momento que o general não podia contar com reforços, ao passo que os chinezes os recebiam a cada instante. A 22 de março, quando se julgaram sufficientemente fortes, retomaram os Chinezes a offensiva, marchando sobre Dong-Dong.

O general Négrier vae ao seu encontro, ataca a 24 de março de 1885 o campo entrincheirado de Bang-Bo e é asperamente repellido. Este revez enche de entusiasmo os Chinezes, que obrigam Négrier a retirar sobre Lang-Son. Emquanto parte dos Chinezes seguem vagarosamente a retirada da columna do general Négrier, outra parte apparece diante de Kilua, ameaçando tornar os Francezes.

Então o combate pronuncia-se de um modo seriamente desastroso para os Francezes. O general Négrier é ferido, e o tenente-coronel Herbinger, tomando o commando da brigada, abandona Lang-Son, e retira sobre o Loch-Nan.

Os Chinezes estavam espantados com a sua propria victoria, e por isso nem a souberam aproveitar. Lembram-se porém todos da impressão terrivel que ella produziu em França, das scenas violentas a que deu lugar no parlamento francez, das injurias que caíram sobre o gabinete Ferry, do desespero, da furia da nação ao saber que os seus soldados tinham sido batidos pelos Chinezes.

Depois quiz-se attenuar o effeito produzido; allegou-se que houvera um estranho exagero nos telegrammas, que o desastre não tinha a importancia que se lhe attribuiria. Os nossos leitores, se seguiram com attenção a historia que resumidamente narrámos, viram bem que essa importancia era pelo contrario extraordinaria. Perdera-se em seis dias o fructo de uma campanha longamente preparada. Achavam-se os Francezes no fim de março

de 1885 na situação em que estavam no principio de outubro de 1881. Perdera-se em seis dias o fructo de demorados preparativos e das victorias de Haho, Anchau, Tay-Hoa, Hào-Ha, Dong-Song, Deo-Quan, Pho-Vi e Lang-Son. Os Francezes estavam outra vez nas margens do Loch-Nan, que fôra o ponto de partida de Brière de l'Isle.

A victima expiatoria de tudo isto foi Herbinger, promovido a coronel, mas a quem attribuiram todas as culpas da retirada de Lang-Son. Morreu há tres semanas este pobre official, victima dos desgostos e das amarguras que este triste negocio lhe causou.

Felizmente a esse tempo corriam já as negociações da paz com a China, a 4 de abril assignavam-se os preliminares do novo tratado de Tien-Tsin, mas a França mandava dez mil homens de reforços, e substituia o general Brière pelo general de Courcy. O exercito expedicionario do Tonkin, elevava-se a 30:000 homens. Dois annos antes não tinha o general Bouct mais de 3:500 homens.

Apressou-se entretanto a assignar a França a paz, *tant bien que mal*. Assignaram-n'a a 9 de junho Lá-Hung-Chang e o sr. Patenôtre. Ao general Courcy succedeu o general Warnet, o Tonkin diz-se pacificado, e as tropas que de lá voltaram tiveram uma ovação. Pois as tribulações do Tonkin ainda não acabaram para a Republica!

PINHEIRO CHAGAS.

FEIAS E BONITAS

Henry de Pere, o scintillante chronista das elegancias mundanas que arrastam setins e veludos nos salões de Pariz, acaba de pintar, n'um precioso livro, a vida esteril e vasia de uma mulher demasiado formosa, absorta na contemplação e no culto da sua belleza extraordinaria.

Trop belle é o titulo d'esse estudo psychologico a que vimos de nos referir, e que tem alcançado, na grande capital franceza, um ruidoso e merecido successo.

Quando ella se apresentou pela primeira vez no mundo, aos dezoito annos, toda a gente exclamou, fascinada:—*E' muito formosa!* Outros, mais entusiastas, consagraram-lhe a phrase que uma perfeita obra d'arte nos provoca:—*E' formosissima!*—E estes juizos, confirmando o juizo materno e o de quantos a tinham visto desde creança, acabaram de desenvolver-lhe o unico amor que experimentou em toda a sua existencia:—o amor de si mesma.

Porque ella nunca amou ninguem, absolutamente ninguem, nem sua mãe, que a considerou sempre como um objecto de luxo, nem seu marido, com quem casou apenas para poder alterar legalmente a singelleza das *toilettes* de solteira, nem seu filho, cuja vinda ao mundo lhe causou grande susto, pelo enorme risco em que os soffrimentos da maternidade pizeram a sua belleza.

E assim como não foi susceptivel de amar ninguem, assim não conseguiu nunca ser verdadeiramente amada, com paixão e delirio. *E' formosissima*, dizem todos, contemplando-a como a uma bella estatua; e a sua mocidade desliza entre o turbilhão da vida elegante, contentando-se ella em desempenhar o primeiro papel nos salões, em escutar, embevecida, o murmurio dos madrigaes e das phrases galantes que a sua presença provoca.

Vem um dia em que a velhice despiedosa se apresenta, horrenda e implacavel. Os cabellos, d'antes negros como azeviche, precisam de preparados chimicos que occultem umas brancas indiscretas. E' necessario recorrer a auxiliares poderosos para lutar contra esses inimigos terriveis que se chamam os annos.

Mas é já muito tarde; quem não amou nunca, não pode tambem ser amada; aquella mulher ignora o que é paixão; cerca-a o gelo, e a primeira entrevista com o homem que se propoz seduzir, termina sem que o gelo se quebre, separando-se os dois indifferentes, silenciosos.

No dia em que lhe cae pela primeira vez um dente, quasi que morre de desgosto. A ideia de que o mundo poderá sabel-o e ver a sua formosa bocca viuva de uma das suas trinta e duas perolas, afflige-a profundamente.

Ha alguma coisa da frialdade do gelo e da insensibilidade do marmore na vida das mulheres demasiado formosas, que fazem da sua belleza o culto de toda a sua existencia. Todos as admiram, mas ninguem as ama, porque não basta só a belleza para accorder n'alma as grandes paixões.

Consulte-se a historia dos diversos paizes, e veja-se como ella nos falla de mulheres que provocaram vehementes affectos, a despeito da sua fealdade. A Princeza de Eboli, amada por Philippe II de Hespanha, era vesga. Cleopatra, se dermos credito aos chronistas da sua epoca, não tinha, nas suas feições, a correcção que a esthetica exige. A mulher mais amada pelo inconstante Luiz XIV, de França, não foi a altiva Maintenon, como se pensa; foi a modesta e humilde La Vallière, aquella rapariga coxa, que

passou despercebida na côrte até provocar a adoração do rei. A Princeza dos Ursinos não estava já na primavera da vida quando subjugou a vontade de Philippe V, de Hespanha, e ninguém pode negar que foi amada com delirio.

No famoso palacio de Rambouillet, n'aquella côrte da primavera eterna, onde brilharam mademoiselle de Montpensier, madame de Longueville, Carlota de Montmorency, madame de Sévigné, madame de La Fayette, mademoiselle de Scuderi, madame de Sable, o esquadrão volante do engenho e do espirito, não era a belleza phisica o que dominava.

E não precisamos de appellar para a historia; fôra d'ella depa-ram-se-nos milhares de exemplos que justificam este asserto. Podiamos citar os nomes de muitas mulheres que teem encadeados á sua vontade soberana homens illustres, que são heroínas de historias ou objecto de paixões vehementes, e que, apesar d'isso, não passam nem por bonitas nem por formosas.

Só os velhos cansados e gastos procuram a irreprehensivel belleza phisica, como quem procura um *bibelot*; só nos mercados onde o amor se vende, essa belleza tem predominio. O idolo levantado sobre o pedestal do luxo pela vaidade d'um libertino, tem de ser por força muito formoso, como a mulher do harem que não inspira paixões, que se esquece e se substitue, da mesma forma que se substituem as flores murchas n'uma jarra.

Mas a mulher que impera na alma, a que não se esquece nunca, a que deixa impressões immorredoiras, a que provoca risos ineffaveis e arranca lagrimas abrasadoras, essa é muitas vezes, para a generalidade, para os que não a conhecem, uma mulher feia.

E a mulher feia, em realidade, não existe; basta-lhe o nome de mulher, para constituir um elemento de belleza. Dizem os afieçoados entusiastas do producto da cepa que ha vinbo melhor e peor, mas que o mau vinho não existe. Outro tanto pôde dizer-se do eterno feminino; pôde haver mulheres mais ou menos formosas, mas feias nunca. Bem entendido não se falla aqui dos monstros.

O amor, para o homem intelligente e civilizado, não é apenas voluptuosidade como para o sultão embrutecido no harem, ou para o velho, cujos sentidos adormecidos necessitam de alguma coisa bem forte que os desperte.

Os homens mais afortunados em questão de amores, nem sempre fôram os mais gentis; estes só agradam de preferencia, por via de regra, ás que estão já no occaso da vida ou ás que compram o que não podem adquirir d'outro modo. Compreende-se que *monsieur* Alphonse deva ser uma figura gentil e esbelta; mas explica-se perfeitamente que nenhuma falta tivesse feito a Mirabeau a belleza phisica.

O mesmo se pode dizer das mulheres; os encantos phisicos rerão indispensaveis para mudar os farrapos pelos velludos caros, o pechisque pelas joias de preço, as mansardas humildes pelos palacios faustosos; mas a paixão enloquecedora, a que conduz á felicidade ou arrasta ao suicidio, a paixão capaz dos grandes sacrificios e das grandes abnegações, a que é mais que calor, fogo, mais que aroma, embriaguez de perfumes, essa, podem inspirar a mulheres que não sejam rigorosamente formosas, que não tenham o culto ridiculo da sua belleza, que não estejam habitua-das á adulação constante, que não hajam feito do seu toucador um templo e da sua pessoa um idolo.

A belleza mais perfeita e correcta desaparece quando uma luz se apaga, quando um *store* se baixa, quando um reposteiro se corre; e ali, onde o verdadeiro amor impera, é mais grata que a indiscreta luz electrica, a lampada cujo crystal esmerilado abrand-a o fulgor intenso dos raios luminosos, dando-lhes uns tons suaves e doces.

Phryné e Suzanna deslumbraram velhos. Catharina da Russia governou um imperio poderoso.

Quando a heroína do *Trop Belle*, o precioso livro de Henri de Pere citado no principio d'este artigo, morreu, teve apenas, por oração funebre, o seguinte dialogo, trocado entre duas pessoas que acompanhavam o seu enterro:

—Realmente, a bella Hebe fatigava com a sua mania de ser a mais formosa de todas as mulheres.

—E devemos confessar que o era.

—Não digo que não, mas sabia-o de mais, e era-o já ha muito tempo. Em passando a novidade, boa noite!...

Apesar de tudo quanto deixamos dito, não se desconsollem as leitoras da nossa *Illustração*. O seu poder não poderá diminuir nem ao de leve, porque nunca faltarão cortezãos á belleza.

NAUTILUS.

O CANCELONEIRO DO HERMINIO

As canções teem azas como os passaros. Voam de povoação em povoação, perpetuando-se pela tradição *ora!* tanto ao norte



O DEPUTADO FRANCEZ, CLOVIS HUGUES



MADAME CLOVIS HUGUES

como ao sul, ao oriente como ao occidente de um paiz. Assim, uma trova do Algarve, a da *Engeitada* por exemplo, tem corrido todo o Portugal do sul para o norte, e é conhecida no Doiro, onde já por mais de uma vez a ouvimos cantar.

Todavia, as canções das regiões montanhosas, como a serra da Estrella, não adejam facilmente para além dos seus alcantis nataes. Aninham nos pincares como as águias, e como as montanhas alpestres são pouco accessiveis ao trato humano, como só raro viajante extranho as visita, succede que o cancionero das montanhas é ordinariamente pouco conhecido.

A serra da Estrella começou a ser explorada, sob um ponto de vista ethnographico, desde 1881, epocha em que a *expedição scientifica* a visitou. Mas nem os membros d'essa expedição, nem os viajantes que posteriormente os teem imitado, se deram ao agro trabalho de recolher as serranilhas, as canções locais dos pastores do Herminio e das povoações limitrophes.

Este trabalho está por fazer, e não seremos nós que o possamos realizar. Faltam-nos todos os elementos para isso; falta-nos até o principal, ter visitado a serra da Estrella. Mas este artigo tem por fim lançar o alvitre da coordenação do cancionero do Herminio, na esperança de que haja de ser aproveitado por quem se encontre em condições favoraveis para levar a cabo a empresa.

O que de longe conhecemos do cancionero da serra da Estrella, pouco é. As canções das montanhas, repetimol-o, voam menos do que as outras. E' preciso ir surprehendel-as na origem. Por isso somos obrigado a contentar-nos com o pequeno peculio de uma ou outra canção que tem batido as azas para fóra dos alcantis do Herminio.

Miguel Leitão de Andrada, na *Miscellania*, traz o mote de uma trova antiga da serra da Estrella, que o sr. Marreco Ferreira copiou no relatorio da secção ethnographica da expedição de 1881.

Madanella
Nasceu na serra da Estrella,
Que confina com as estrellas,
Tomou a asperesa d'ella,
E a formosura d'ellas.

Copiando o mote, diz Miguel Leitão que «foi muito cantado, e grozado, e com muytas voltas, que deveo ser feito em louvor d'alguma serrana nobre chamada Madanella.»

Na *Musa das revoluções* (Lisboa, 1885) publiquei uma ballada da serra da Estrella, que pude haver de um amigo, e que até hoje ainda não consegui interpretar satisfatoriamente.

Parece baralharem-se n'essa ballada confusas recordações de uma invasão armada ou talvez de mais de uma invasão. Não creio ainda hoje que seja unicamente uma tradição semi-apagada da epocha de Viriato e das suas façanhas contra os romanos. Tal como a reproduzo, a ballada foi escripta de memoria por um cavalheiro octogenario da serra da Estrella.

Diz assim:

Oh! como traz botas
De neve té o Joelho,
No ingreme atalho,
A gente de velho,
Maioral, na frente,
Co'o peso d'annos andando,
Do triste rebanho,
A rir ou chorando?

São Romão, São Romãosinho,
Nosso firme advogado,
Tereis optima offerta,
Se nos escapar o gado.

Ah! que magna turba
Vem lá debaixo ahi
Direita á jugunda
E os nossos por aqui!

São Romão, São Romãosinho, etc.

Virgem do Desterro,
Nossa boa padroeira,
Protegei-os, defendei-os
Da tropa estrangeira.

Romanos avançam
Ao cume da serra,
E o luso se passa
Para detraz d'ella.

Ai dá Serra!
Ai da Estrella!
Ai do Alva!
Ai o frécheiro!
Em mãos d'africano
Na Serra Leoa,
Nos Montes da Lua,
Antes eu vira
Do que estou vendo.

São Romão, São Romãosinho, etc.,
Virgem do Desterro, etc.

Como é raça de cães,
Manteigas vão descobrindo,
Emquanto ficam lambendo,
O velho se vai sumindo.

Maioral vai deante,
Co'o peso da gyria
Se vai atrasando.
Vão todos contentes,
Já nenhum chorando.

Velho o chamam,
Velho é elle.
Nos annos é tenro:
Cá para nós,
E' o nosso menino.

Da Serra da Estrella,
Do Monte de Muro,
O gado está salvo
No Porto seguro.

Senhora do Desterro,
Bem dita sejaes.
Inda hoje no templo
Nos ouviraes (*etc.*).

São Romão, São Romãosinho,
Nosso firme advogado,
Ahi tendel-a offerta,
Que é o nosso melhor capado.

Posteriormente pude obter algumas trovas populares que as *cachopas* (raparigas) das proximidades da serra da Estrella cantam, e n'ellas, como na ballada, se manifesta a devoção popular d'aquelles povos por Nossa Senhora do Desterro, a que na ballada se chama, como vimos, *n. ssa boa padroeira*.

A Senhora do Desterro
Tem a carvalha á porta.
Senhora, dai-me um raminho
Para pôr na minha horta.

A Senhora do Desterro
E' mãe de quem a não tem.
Vós dizeis que Ella é vossa,
E ella é minha tambem.

Algumas, outras que possuo, contéem allusão local, como por exemplo:

Eu hei de ir á Serra da Estrella
Mas não ha de ser no inverno,
Acompanhado do meu amer
Para vermos a rua do Inferno.

Linda terra é Teixoso
Para pera e maçã.
Para meninas bonitas
A cidade da Covilhã.

Teixoso é freguezia, da invocação de Nossa Senhora dos Córros. A Covilhã foi elevada a cidade em outubro de 1870. Sendo decerto a trova mais antiga, a palavra *villa* terá sido substituida por *cidade*, na tradição oral ou pelo copista.

Chove agua meudinha
Lá para as bandas da Lapa.
Coitadinho do meu amor,
Que foi para lá sem capa.

Outras cantigas teem um sentido exclusivamente amoroso, como a maior parte das que constituem o nosso cancionero popular:

O meu amor é João
Sobrenome não lh'o sei.
São amores novos,
Ainda lhe não perguntei.

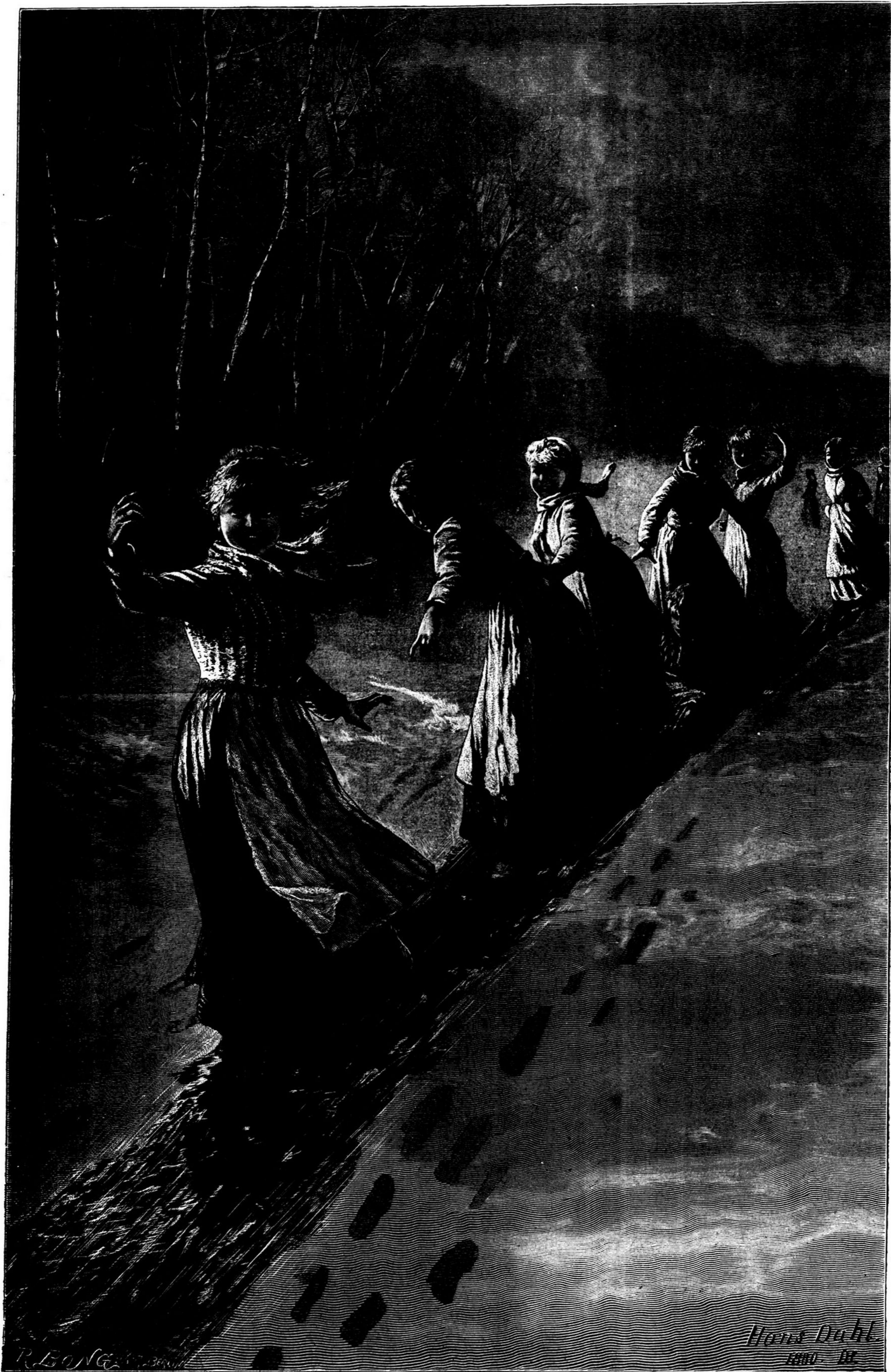
Esta rua tem pedrinhas,
Heide-lh'as mandar tirar
Com biquinhos d'alfinetes
Para o meu amor passar.

O meu amor de brioso
Não traz fita no chapéu.
Traz um cordão de seda,
Parece um anjo do ceu.

O castanheiro bate-bate,
Que eu bem o sinto bater
Com os ouriços no telhado
Para o meu amor entender.

O rouxinol quando canta
Tem a cauda na silveira.
Coitada da viuvinha,
Que não acha quem a queira.

Não posso dar a um simples artigo maiores dimensões do



R. BONGER

Hans Dahl
1880 - 01

UM PASSEIO SOBRE O GELO

que este já tem. Entretanto bastam as ligeiras considerações que deixo expendidas, creio eu, para fazer sentir quanto seria util e interessante coordenar o cancionero do Herminio e de outras montanhas do nosso paiz que, pela difficuldade do accessõ, fecham como um thesouro encantado, dentro dos seus fragedos agrestes, as tradições poeticas dos seus habitantes.

ALBERTO PIMENTEL.

EDITAL

(No album de uma senhora)

Eu, bacharel *reformado*
em diabruras d'amor;
eu, bom rapaz, possuidor
de um triste palmo de cara;
eu, Joaquim Lima, nomeado
para juiz d'esta vara,
faço saber

o seguinte:
Quem n'este livro quizer
deixar o nome assignado,
deve

PRIMEIRO

Não ser
nem millionario, nem gordo.
O Genio é irmão da Penuria;
quanto ao tecido adiposo,
o cebo, é quasi uma injuria
n'um litterato esp'rançoso.
Camões foi magro e foi pobre;
nunca travou relações
senão com dinheiro em cobre;
pois era um genio, o Camões!
E pois, senhor pretendente,
(note que sou cabeçudo)
se quer entrar, é prudente
não ser, se bem me recordo,
não ser, primeiro que tudo,
nem millionario, nem gordo.
Tambem

SEGUNDO

E' preciso
dar uma prova cabal
de ter o dente do sizo.
Ou então, se por vergonha
não quizer mostrar o dente,
é necessario que exponha
a certidão official
de ser maior. E' prudente
que tambem venha munido
co'o respectivo attestado
de nunca ter padecido
molestia contagiosa.
Ser, emfim, bem comportado,
não ter ao longo da vida
nenhuma acção duvidosa;
mostrar a folha corrida,
estar livre de ser soldado,
e, quanto a amores,

TERCEIRO

Quem n'este livro escrever,
deixe ficar no tinteiro
tudo que cheire a paixões.
Porque é pessimo o costume
de fazer declarações,
e de fallar em ciúmes,
e de chorar illusões,
no album de uma senhora
que nos não fez nenhum mal,
que é bonita, que em geral
já tem Romeu que a namora
e que lhe aquece a paciencia
com juramentos em braza.
Quem soffre, mette-se em casa,
ou refreia a confidencia
que ás vezes tambem desbocca.
Soffre cruzezas d'amor?
pois saia, faça favor,
ou metta rolha na bocca.

QUARTO

Não é permittido
Roubar idéas alheias,
nem repisar as idéas
que é já notado e sabido
serem mais velhas nos albuns
do que o vinagre nas tendas.
Creiam que é como lhes digo,
se alguém transgride este artigo,
adeus minhas encomendas.

Finalmente

QUINTO

E' uso
tão massador como antiço
chamar aos albuns alheios
nomes muitissimo feio;
taes como praga, flagello,
epidemia... Pois bem;
n'este, que eu abro, a ninguem
é permittido fazel-o.
E agora, emfim,

NOTE BEM

Tudo que fica exarado
n'este edital, póde ser
completamente annullado.
Basta que a dona do livro
o queira e mande fazer.
Lisboa, trinta de abril,
anno da graça de mil
mais oitocentos e cinquenta
e seis ainda por cima.
Deus guarde quem se apoquentá,
e a mim tambem,

JOAQUIM LIMA.

OS CRIMES ELEGANTES

(CONTINUADO DO N.º 4 DO 3.º ANNO)

V

Vida nova

Apesar de tudo que Antonina lhe dissera, apesar d'ella lhe affiançar que, de dentro d'um coupé, postado em frente do caes, vira seu marido embarcar n'um bote, seguir para o *La Plata*, e depois o bote voltar sem passageiro para o ancoradouro, o Fonseca não estava ainda bem seguro da partida do Luiz.

No dia immediato leu nos jornaes o nome d'elli na relação dos passageiros sahidos para America, a bordo do *La Plata* e isso convenceu-o mais, mas ainda assim andou uns dias muito receioso, fazia um verdadeiro sacrificio em sahir á rua, em todas as pessoas que avistava ao longe parecia-lhe descobrir o Luiz, e em casa, quando sentia bater á porta, tinha sempre um sobressalto, um estremecimento nervoso.

E' que o Fonseca tinha a certeza positiva de que o seu amigo adivinhara tudo o que se passara, adquirira o convencimento da verdade, isto é, da sua traição infame, ficara sabendo perfeitamente que o amante de sua mulher era elle, o seu mais íntimo amigo, e depois d'isto não comprehendia que esse homem, tão vilmente ultrajado, não procurasse vingar-se d'aquelle que trahirá a sua amizade, deshonrara o seu nome e aniquilára a sua felicidade; não percebia que o Luiz tomasse tão bem a coisa, se contentasse em se mostrar amuado e partisse para o Brazil deixando-o em plena liberdade com sua mulher.

A consciencia da sua infamia augmentava-lhe extraordinariamente os pavores da sua cobardia, e o Fonseca temia que a partida do Luiz fosse um laço, e que d'um momento para o outro, ao voltar d'uma esquina, a bala justiceira d'um revólver vingador viesse dar-lhe a justa paga da sua ignobil façanha amorosa.

Mas os dias foram passando, não apparecia nem bala, nem revólver, nem Luiz, e o Fonseca, cobrando animo, foi-se despindo dos seus terrores, foi-se convencendo de que tudo aquillo fora verdade, de que Luiz partira e de que a sua culpa ficara para sempre impune.

Antonina ria-se muito dos seus terrores cobardes com uma zombaria despresadora, e os chasques da amante e a ausencia completa do perigo, restituiu finalmente ao Fonseca o sangue frio, a tranquillidade e a segurança.

E foi então que realmente começou a vida nova.

Afastado para longe de Portugal e por tempo illimitado Luiz, o marido, desaparecera o unico estorvo a que os dois amantes gozassem tranquillamente, quasi que ostensivamente, as doçuras da sua lua de mel.

A casa da rua das Damas e aquella vida recatada, burguezza, reles, eram insupportaveis a Antonina.

O Fonseca era rico, os negocios corriam-lhe bem, a mulher e os filhos, mettidos lá n'uma aldeia do norte, não o incommodavam absolutamente nada, e por isso Antonina começou a pôr em pratica os seus dourados planos de vida regalada, a fazer do seu amante um escravo docil e obediente.

Os jornaes annunciaram por esse tempo que na Lapa se vendia um bello palacio d'um brasileiro de torna viagem que, morrera d'uma apoplexia, quando ia começar a lançar-se na

grande vida de Lisboa, a pôr ao sol as milhares de libras amontoadas durante longos annos no Brazil.

Sem dar cavaco ao Fonseca, metteu-se n'um trem e foi ver esse palacio.

Convinha-lhe; era uma vivenda magnifica, casa de luxo com todas as commodidades e confortos das habitações modernas, bellas salas, elegantes jardins, amplos parques, um verdadeiro achado.

Ao voltar a casa disse ao Fonseca que comprasse o palacio da Lapa.

O Fonseca sobresaltou-se ante este primeiro grande capricho.

Entre os dois houve uma pequena altercação.

Ella porém queria, e assim se fez.

No dia immediato o Fonseca comprava o palacio, abdicando completamente da sua vontade nas mãos d'essa mulher que o dominava.

Comprado o palacio, Antonina é que se encarregou de o fazer mobilar e encarregou-se d'isso tão bem, com tanto gosto que a casa do Fonseca passou a ser logo uma das mais luxuosas, elegantes e ricas de Lisboa.

Feito isto, preparado esse ninho real, tratava-se d'ir habital-o.

O Fonseca torcia-se todo.

—Aqui na rua das Damas, dizia elle com muito bom senso, não damos nas vistas, ninguém me conhece, vivemos aqui obscuramente, não somos fallados, não fazemos escandalo algum; mas agora, n'uma casa como a casa da Lapa, um palacio, uma das melhores casas de Lisboa, vamos estar em evidencia, todos vão ter os olhos fitos sobre nós, e francamente não sei a que titulo te heide apresentar, quem heide de dizer que tu és...

—Ora essa! nada mais simples, respondeu immediatamente Antonina, que tinha estudado bem a questão e era fertil em expedientes. Diga que eu sou a governante de sua casa.

—A governante? perguntou o Fonseca admirado. E se te conhecerem?

—Primeiro, poucas pessoas me conhecem, e depois, eu disfarço-me.

—Disfarças-te? Então vaes andar agora mascarada? perguntou elle sem perceber coisa alguma.

—Não digas tolices. Eu bem sei o que digo e o que faço. A'manhã verás se sou a mesma.

—Mas...

—A'manhã verás.

No dia immediato, quando o Fonseca chegou do escriptorio, parou admirado ao entrar na rua das Damas e disse consigo, olhando estupefacto para as janellas da sua casa.

—Quem demonio está lá em casa?

Effectivamente a janella estava uma senhora, cujos cabellos loiros, formosissimos davam uma nota alegre e risonha áquella rua estreita e escura como se o sol se tivesse para ali mudado.

Esteve um pedaço hesitante no principio da rua, sem saber se devia ou não ir para casa, muito intrigado com a desconhecida loira que estava á sua janella.

Por fim resolveu-se e encaminhou-se para a porta.

Quando chegou quasi debaixo da janella, a mulher loira disse-lhe familiarmente adeus com a mão, e elle, muito comprometido, sem conhecer ainda quem o comprimentava, tirou ceremoniosamente o seu chapéu.

Da janella soltaram um gargalhada estridente, e elle conteve a custo um grito de surpresa.

Conheceu a gargalhada; era Antonina, Antonina, que de cabello louro como uma virgem d'Ossian, o esperava no alto da escada e lhe fazia uma grande troça jovial, dizendo-lhe:

—Então, quero andar mascarada para não me conhecerem? Nem tu, nem tu, que tens obrigação de me conheceres bem.

O Fonseca olhava para ella admirado e fascinado.

Realmente o cabello louro dava-lhe um tom provocante á sua esplendida belleza, um tom original, contrastando singularmente com o brilho perfeitamente peniusular dos seus grandes olhos negros.

—Então, que tal me achas assim? gostas mais d'esta Antonina ou da outra?

—Adoro ambas, disse o Fonseca cheio d'enthusiasmo, apertando-a amorosamente nos braços.

(Continúa)

GERVASIO LOBATO.

AS NOSSAS GRAVURAS

O CARDEAL GUIBERT

(Arcebispo de Paris)

Monsenhor José Hypolito Guibert, cardeal-arcebispo de Paris, recentemente fall ecido, nasceu em Aix, a 13 de dezembro de

1802, e era filho d'um modestissimo trabalhador dos campos, de quem herdou a singeleza de costumes.

Educado e instruido na parochia onde nasceu, fez-se logo notar pela sua piedade christã, e mostrou, desde os primeiros annos, decidida vocação para a vida ecclesiastica. Foi elle mesmo quem pediu para entrar n'um seminario e para abraçar a carreira sacerdotal.

Em 1841, era nomeado bispo de Viviers, depois de ter sido vigario geral da diocese d'Ajaccio. Em 7 de fevereiro de 1857 recebia a nomeação de arcebispo de Tours; e em 19 de julho de 1871, a instancias de Jules Simon, ministro dos Cultos e de mr. Thiers, seu compatriota, então chefe do poder executivo, passava do arcebispado de Tours para o de Pariz, vago pela odiosa execução de monsenhor Darboy, que os federados da Communa haviam fuzilado.

Em 22 de dezembro de 1873 foi creado cardeal.

A morte do virtuoso prelado, apesar de esperada desde alguns mezes por todas as pessoas que o cercavam, produziu em França um sentimento profundo.

O cardeal Guibert era considerado por Leão XIII como um dos mais eminentes prelados do mundo catholico. A sua bondade evangelica, a sua prudencia e a sua justiça, a sua vobre firmeza de character nos transes mais difficeis, faziam-n'o respeitado até dos proprios inimigos da Religião.

Além d'estas grandes virtudes christãs, possuia o digno sacerdote francez um fino talento de escriptor, de que todos os annos dava eloquentes provas nas suas pastoraes ao clero da diocese.

Ninguem, de certo, se esqueceu ainda da notabilissima carta por elle escripta a madame Lockroy, por occasião do fallecimento de Victor Hugo, e d'uma outra, enviada a mr. Grévy. A' pureza do estylo, juntava o cardeal Guibert, nos seus escriptos, a profundidade do pensamento e o respeito mais completo pelas conveniencias.

*

O bondoso cardeal morreu pobre, porque pelos pobres costumava repartir tudo quanto tinha. Está n'isso o seu maior elogio.

O DEPUTADO FRANCEZ CLOVIS HUGUES, E SUA ESPOSA

Nascidos um para o outro, ambos elles adoram a *réclame* e gostam de ver os seus nomes apregoados pela imprensa, como bons francezes que são. A celebridade é o seu ideal supremo, e para a conquistarem, tem feito tudo quanto humanamente pode fazer-se, desde o duello até á subida em balão.

Clovis Hugues é deputado por Marselha, orador distinctissimo e poeta de grande talento.

Antes de entrar no mundo parlamentar, era já conhecido pelos seus versos primorosos e por um duello em que matou o seu adversario. Depois de deputado, deu-lhe uma notoriedade enorme o facto de ter sido, ha dois annos, expulso temporariamente da Camara, em virtude de uma expressão injuriosa que se permittira dirigir ao presidente do conselho, Julio Ferry.

Madame Clovis Hugues concorreu para que esta celebridade subisse de ponto, matando em 27 de novembro de 1884, com quatro tiros de revólver, um tal Morin, que a offendera aleivosamente na sua dignidade de esposa e de mulher.

Este assassinio fez um grande barulho no mundo inteiro, pelas causas que o determinaram, pelas circumstancias em que se perpetrou e pelo ruidoso e interessante processo a que deu margem.

Como todos deverão lembrar-se, a heroína do Palacio de Justiça de Pariz, local onde se representou o sangrento drama, foi absolvida pelo jury, depois de ter estado presa em S. Lazaro, na mesma cellula onde estivera encarcerada a famosa Louise Michel.

*

Mas a que proposito vem a publicação dos retratos dos dois esposos, tanto tempo depois de occorrido este facto?

E' que ambos elles, levados d'um amor sempre crescente pela *réclame*, acabam de realizar uma ascensão em balão, transportando-se das officinas do gazometro da Villette, em Pariz, a alguns mil metros d'altura sobre a grande capital franceza.

Deputado, poeta, duellista, orador fogoso e eloquente, author dramatico, esposo d'uma mulher bonita que matára um homem para desaggravar a sua honra offendida, os louros dos areonautas celebres não deixavam dormir socegado o sr. Clovis Hugues.

Esta lacuna na existencia d'aquelle meridional exaltado, está hoje preenchida. Já viajou pelos espaços azues, ao lado da escolhida do seu coração, entre um bando d'andorinhas irrequeitadas.

Depois d'isto, o que serão elles mais?



EM PLENO SERTÃO

UM PASSEIO SOBRE O GELO

E' trambolhão que ferve!
 Apesar d'isso, porém, o alegre e formoso ranchinho lá vae,
 por ali abaixo, patinando sobre o gelo escorregadio, n'uma cor-
 ria desenfreada.
 Quando alguma cae, as outras celebram a queda com um cô-
 ro de gargalhadas crystallinas, cahindo tambem depois, para se-
 rem pagas, na mesma moeda, da troça que fizeram às companhei-
 ras.
 Iamos apostar em como a intrepida Custodia dos Anjos não
 se aventurava n'aquella descida arriscada.

EM PLENO SERTÃO

A nossa gravura representa um bando de raparigas negras,
 em pleno sertão africano, fazendo o serviço de carregadoras.
 Debaixo d'um sol ardentissimo e trilhando caminhos impos-
 siveis, nem o calor as incommoda nem os pés se lhe magoam no
 matto espesso.
 Viessem cá dizer-nos que fizessemos uma pequenina excu-
 são de meio kilometro n'aquelle terreno e sob aquelle clima as-
 sassino!
 Pois não fizeste!

BAKHTCHÉSÉRAI

Bakhtchésérai é uma cidade importantissima do governo de
 Taurida, na Russia, e antiga capital dos khans da Criméa, 30 ki-
 lometros ao N. E. de Sebastopol. Tem cerca de 13:000 habitantes.
 E' notavel a sua industria em cutellaria e marroquim.
 Já aqui demos uma vista geral da cidade. A nossa gravura de
 hoje representa um dos seus pontos mais importantes, onde está
 levantada a igreja grega.

EM FAMILIA

(PASSA TEMPOS)

Charadas

NOVISSIMAS

- Na cadeia e na cidade é utensilio—1—2.
- Estudei na musica este tecido—1—1.
- Cuba. ADELINO.
- A segunda estragou a primeira do todo—1—1.
- Esta interjeição no jogo não dispensa—1—2.
- A mulher d'este rei é uma planta—2—2.
- Anda, e não te mettas n'ellas, porque são mimosas—1—2.
- MANUEL CUSTODIO RAMOS.
- Esta lingua corre para esta nome—2—2.
- Este appellido no corpo humano é uma herva—1—1.

EM TRIANGULO

X X X X X X X X	Planta
X X X X X X X X	Enredo
X X X X X X X X	Villa de França
X X X X X X X X	Recolhimento
X X X X X X X X	Admiravel
X X X X X X X X	Cantico
X X X X X X X X	Nota
X X X X X X X X	Vogal

MATEUS JUNIOR.

CHARADA CONIMBRICENSE

Na primeira vertical,
 Se a ultima letra trocar,
 Uma moeda chinesa,
 Sem demora ha de encontrar.

Póde vel-a nas campinas
 Entre o reino vegetal,
 Se acaso procurar bem,
 A segunda vertical.

Nos autos judiciaes
 Se procurar muito attento,
 Na primeira horisontal,
 Verá um regulamento.

Com segunda horisontal,
 Deve sempre estar áleria;
 Se commetter uma falta,
 Depois então não acerta.

Na primeira diagonal,
 Descobrirá, com certeza,
 Uma cidade formosa
 Cá da nação portugueza.

Causarei talvez espanto,
 Se acaso vos affirmar
 Que na outra diagonal
 Me vão a mim encontrar!...

Castello Branco.

XAVIER RODRIGÃO.

Enigmas

(Aos crimios charadistas:—Pequeno Antoninho, José Dias Rodam
 Tavares e José Pedro Xavier Rodrigão)

Premio, ao primeiro d'estes cavalheiros que me enviar a decifração:—
 Um lindo album photographico

No meu todo sete letras
 Conta bem que has de encontrar;
 Mas que ellas são só quatro,
 A prova vou-a já dar.

As consoantes são duas,
 E vogaes só tres vereis;
 Mas a primeira do todo
 Outra igual não achareis.

A segunda mais a quinta
 São em tudo bem eguaes;
 Sendo a setima e a quarta
 Irmãsinhas. Concordaes?

A terceira mais a sexta
 São eguaes! um primor!
 Eis aqui oh Charadistas,
 O enigma ao seu dispôr!

CONCEITO

Na *Historia Natural*
 Com certeza devo estar;
 Ou então na zoologia
 Podeis o todo encontrar.

Santa-Combadão.

A. DE SOUSA FRANCO.

Enigma (salto de cavallo)

U:n	na	do						
ra		ho						
mem	é	mo						
mais	que	um	que	pos	vel	vel;	que	os
ho		ser	ma		lhe	dos		eis
quer	a	mem	é	do	si	por	na	to
		dos	di	mo				
		los.		são				
		ri	ra	cu				

Porto.

M. M. & M.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Chaleira—Carioca—Fabula—Extraordinar o—Novella—Camacho—Arabata—Alumno—Recreio—Montevideo.

DAS CHARADAS EM VERSO:—Alfavaca—Jaboticabeira.

DA CHARADA EM QUADRO:—

F a d o
a m a r
d a m a
o r a r

DA CHARADA MATHEMATICA:—Tresmalho.

DOS LOGOGRIPOS:—Octossyllabos—Sondershausen.

A RIR

No Colyseo:

—Então, Rosalia, ainda não tiveste noticias do teu Cesar?

—Já tive: mandou-me dois telegrammas do Porto e um da Figueira.

—Bravo!

—O que me espanta é uma cousa: os telegrammas veem assignados por elle, mas com uma lettra differente da sua!

*

Uma simplicidade do sr. Anastacio:

—Que assombrosa coisa é o telegrapho e como elle transmite rapidamente as noticias! Este telegramma veiu de Londres, e ainda traz humida a gomma do sobrescripto!

*

N'uma villa dos arrabaldes de Lisboa:

X... e sua mulher conversam a respeito dos maridos atraícos pelas suas consortes.

—Vou apostar, diz elle, em como em toda a villa não ha se não um marido que não seja enganado pela mulher.

—Qual é? perguntou ella com a curiosidade do sexo.

—Tu bem o conheces: para que hei de eu citar-lhe o nome?

—Pois olha; por mais que procure, não sei quem eile seja.

UM CONSELHO POR SEMANA

RECEITA CONTRA OS CALLOS

Esmigalhar um dente d'alho sobre o callo, cobril-o todo com uma ligadura bem apertada, e renovar a operação duas ou tres vezes, se fôr necessario.

Em geral, duas vezes é o bastante.

EM TERÇA FEIRA GORDA

Foi ha tres annos.

Quando entrei no baile de D. Maria, o relógio marcava as duas da madrugada.

Na sala reinava uma animação desusada e um calor asfixiante. Pelos camarotes debruçavam-se rostos pallidos, de olhos negros e scintillantes, cabellos empoados e collos nus, d'uma brancura de jaspe.

Agitavam-se leques de todos os matizes, e por vezes uma bisnaga imprudente não hesitava em perpassar rapido o seu esguicho muito fino e certo, sobre aquellas mimosas camadas de cold cream.

Aborrecia-me pyramidalmente.

No salão passejavam uns dominós graves e sisudos, fallando a meia voz, e indifferentes a tudo quanto os rodeava. Meia duzia de velhos leões gottosos e pintados, arrastavam-se a custo na esteira elegante d'uma esplendida rapariga vestida de pagem, e que, orgulhosa, patenteava sob os finuras sedosas da pantalona, as belezas irresistiveis da plastica.

Saltitava alegre, com as suas botinas de setim branco e tação dourado, e com o stick de marfim e pitta fustigosa as mãos atrevidas dos bisnagadores.

Pierrots suspeitos formavam bichas que serpenteavam por entre os espectadores; ouviam-se gritos penetrantes e gargalha-

das escandalosas; uma duzia de hespanholas, vestidas de *bébé*, espalhavam na sala uma vozearia infernal, e fazia-se amor por todos os cantos. Turcas recamadas de lautejoulas, sedas e gaze desbotadas, escutavam os protestos d'um feiticeiro de grandes barbas de estopa; floristas elegantes e franzinas diziam segredos a gallegos de grandes collarinhos e faces côr de tijolo; varinas de enormes saias de burel e arrecadas monstruosas nas orelhas, fallavam ao ouvido de generaes de opera-comica, apopleticos sob a mascara de papellão envernizado.

As mais bem dotadas pela natureza, ou se exhibiam vestidas de pagens, ou se permittiam o traje leve de pescadores napolitanos.

Pela sala perpassava, de vez em quando, um mixto aroma de cognac e Porto, agua de colonia e genebra. Tudo aquillo era imundo e estúpido.

Ao fundo, engastado entre folhagem, bicos de gaz, e jogos de agua, o vulto collossal do Gaspar, regente da orchestra, litava a multidão, com o seu rosto muito redondo e medio, especie de idolo chinez d'algun pagode de San-The-Chon.

Sentia-me enfastiado no meio d'aquella loucura de musica, vinho e mulheres, quando dei de frente com um velho amigo, que passejava na sala taciturno e melancolico, emquanto os mascaras se desconjuntavam nas marcas cynocephalas d'um cancan vertiginoso.

—Olá, como tens passado?

—Bem, e tu?

—Menos mal; estou aborrecido d'esta borracheira.

—Sempre o mesmo!

—E' certo. Os bailas de mascaras tendem a acabar.

—Não digo tanto. E' mais facil acabar uma procissão do que um baile d'estes. O deus Momo hade ter sempre devotos.

—D'esta qualidade que vés.

—E' verdade; mas atraz d'elles veem os admiradores d'ellas, e o resultado é quasi não caber um afinete na sala.

—Uma pergunta: Tu não estavas fóra de Lisboa?

—No Porto, cheguei hoje.

—Porque não passaste lá o carnaval?

—Amanhã devo apresentar-me no ministerio.

—Para que?

—Conveniencias minhas, e do serviço.

—Bem, sendo conveniencia tua, já não digo nada.

—E na verdade, meu caro Alfredo, antes eu tivesse passado o carnaval no Porto.

—Porque? aconteceu-te alguma desgraça?

—Desgraça positivamente não, mas recebi uma d'aquellas impressões que se não esquecem facilmente.

—Ab! Cousa seria?

—Eu te digo... Vamos ceiar e á mesa te contarei tudo.

—Queres saber do baile?

—Não. Agrada-me este ruido tolo que me desentorpece o espirito de lugubres pensamentos.

—Tu estás a jogar o entrudo commigo!...

—Não estou. Fallo serio.

—Então, vamos.

Occupámos uma mesa no botequim do terrasso, e mandamos vir peito de peru, salame, *omelette* e vinho de Collares.

Na mesa fronteira á nossa, tres rapazes occupavam-se em embriagar uma formosa rapariga de dezoito annos, a quem os vapores do alcool descerravam os labios d'um bello vermelho rubi, deixando a descoberto duas preciosas fileiras de dentes brancos e eguaes, como se fossem talhados em neve.

—Vamos lá a ouvir a historia.

—Imagina tu que ha tres annos, uma noite, no Gymnasio, quasi ao levantar do panno, veio assentar-se na cadeira desocupada, ao meu lado direito, uma rapariga de rara belleza, elegantemente vestida, cujos olhos negros, d'uma doce expressão melancolica, me impressionaram de modo estranho.

Durante o espectáculo não cessei de admirar a alvura setinosa dos seus braços, o vermelho dos seus labios, os seus luxuriantes cabellos pretos, a proeminencia do seu collo, e todo aquelle *tic* delicioso, seductor, verdadeiramente raro, a que davam realce os seus sorrisos d'uma infantilidade adoravel.

—Estás lyrico até á medula dos ossos!...

—Escuta. Trocámos algumas palavras, ao principio timidamente; depois, com mais confiança, estabelecemos conversação, e á saída pedi-lhe licença para a acompanhar. Concedida ella, mettemo-nos n'um trem e acompanhei-a a casa, onde fui magnificamente recebido.

Clorinda era uma mulher encantadora. Em plena primavera da vida, dotada de extraordinaria belleza, poucas tenho visto que a egualassem n'aquella fresca e sadia mocidade que se lhe desenhava nas rosas avelludadas do rosto e no setinoso perola da epiderme.

Além de formosa, possuia uma illustração apreciavel.

A sua historia era a de todas. Um amante perjuuro, fuga da casa paterna, um anjo salvador incarnado na pessoa d'um brasileiro rico, depois uns amores faceis, etc., etc.

—E tu...

—Eu mereci-lhe a sua sympathia, e durante dois mæzes fui o homem mais feliz do mundo inteiro.

O brasileiro era pacato. Recolhia ás dez da noite, e não tinha zelos.

—Uma perolal

—Exacto. Uma manhã recebi ordem de partir para o Porto. Metti empenhos, pedi, suppliquei, requeri, mas o ministro foi inflexivel. Era mister partir.

—E Clorinda?

—Chorou abraçada a mim, deu-me uma trança dos seus cabellos negros, jurou-me fidelidade eterna, acompanhou-me á gare, e de dentro do wagon vi-a derramar lagrimas sinceras.

—Porque não a levaste?

—Impossivel. Com quinze tostões por dia não se faz vida com uma mulher que não usava senão meias de seda e aneis de brilhantes. Seria conquistar o seu odio, fazer a sua infelicidade.

Entabolámos, porém, uma correspondencia activa.

Ha um anno, mandou-me dizer que estava muito doente, que queria ver-me.

Pedi licença e vim a Lisboa. Encontrei-a muito mudada. Havia quinze mezes que nos não fallavamos. Emmagrecera, apagara-se-lhe a luz do olhar animado e vivido, perdera o rosado das

—A menina está ali; e apontou-me para o fundo da sala forrada de negro com bordaduras de ouro e prata, scintillantes pelo reflexo da luz d'uns tocheiros muito altos e amarellos.

Entrei sem consciencia de mim proprio. Sentia na cabeça um zumbido, come se me tivessem dado n'ella uma enorme pancada.

Avancei até ao meio da sala armada em camara ardente. Dentro do caixão ainda aberto, estava o cadaver de Clorinda, muito livida e emmagrecida, com os olhos excessivamente encoados, os labios violaceos e as mãos cruzadas sobre o seio.

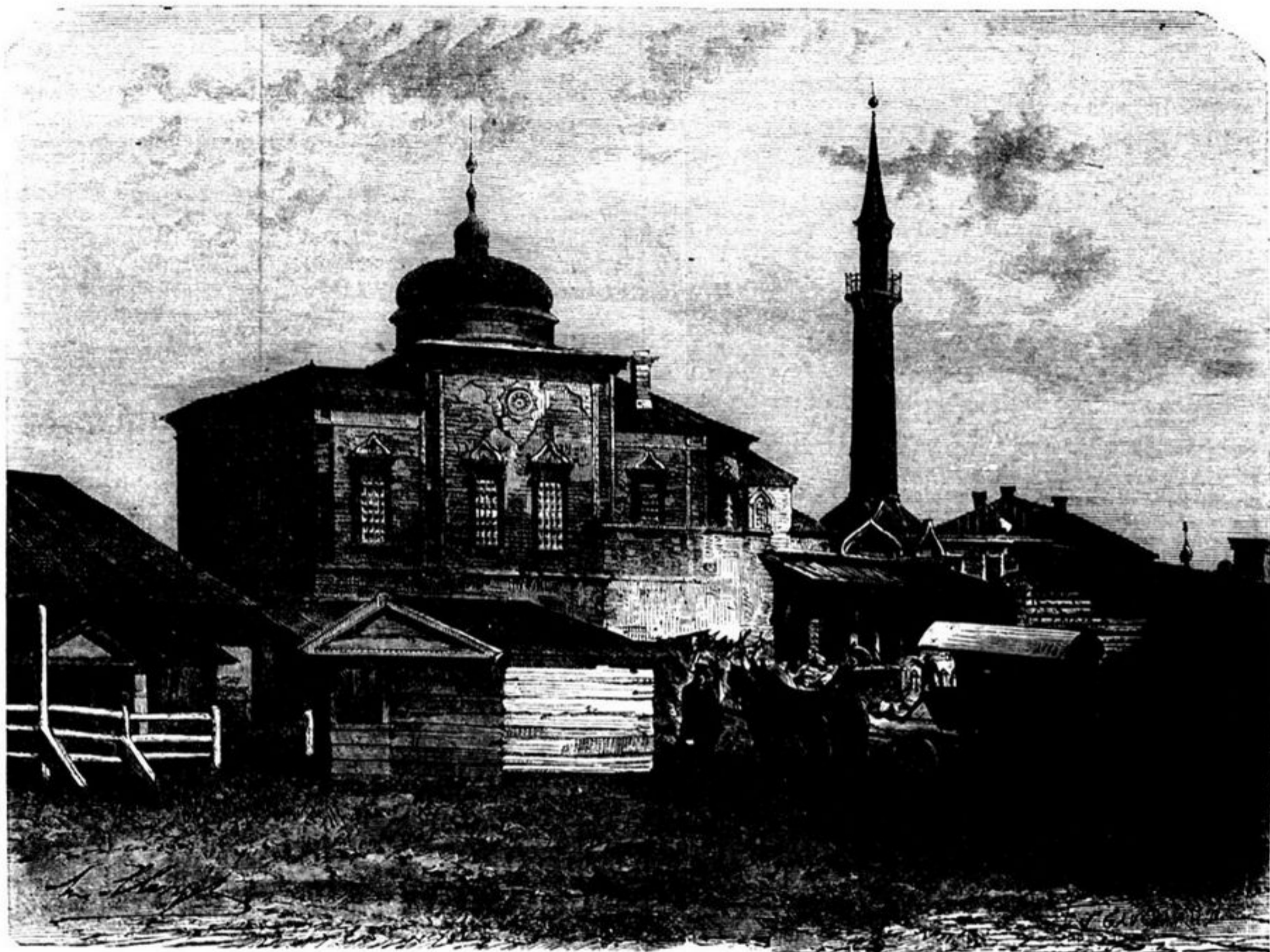
Foi com uma dôr indefinivel que beijei aquelle rosto onde o frio da morte pozera a insensibilidade do marmore.

Estive muito tempo contemplando os tristes vestigios d'aquella esplendida formosura extincta.

—Quando morreu? perguntei á creada, que me olhava compungida.

—Hoje, ás cinco da manhã. Foi uma tísica galopante. Chamou pelo sr., e pediu-me que, quando a amortilhasse, lhe collocasse o seu retrato no seio.

—Leva-o para a cova? perguntei com um certo temor pueril.



BAKHTCHÉSÉRAI

faces, e tossia a espaços, com uma tossesinha secca, impertinente, teimosa, que a suffocava. Estava tísica.

Acabada a licença, voltei para o Porto, e mezes depois mandava-me dizer que estava melhor. As suas cartas, porém, eram menos extensas, e a letra, tremula e irregular, indicava a fadiga da mão que a desenhara. Ha oito dias recebi uma carta, em que me dizia:

«Vem, que estou peor.»

O acaso quiz que fosse chamado a Lisboa, e annunciei-lhe a minha vinda para depois do carnaval.

Desejei porém fazer-lhe um surpresa, e sabendo que devia hoje estar na capital, não a preveni.

Ao meio dia, correctamente enfarpellado, barbeado e escovado, sahi de casa e dirigi-me para a habitação de Clorinda. Já munido de duas bellas bisnagas francezas e de uma caixa com uma aranha de arame.

Subi a escada rapidamente, e no terceiro andar admirou-me não encontrar o cordão da campainha.

Bati com os nós dos dedos. Pouco depois, a porta abriu-se devagarinho, e a creada, a mesma, com os olhos inchados de chorar, disse-me apenas:

—Veio tarde, sr. Gustavo.

—Porque?

—Sim senhor. Ella era muito sua amiga.

.....
A's seis da tarde, em trem fechado, acompanhei ao cemiterio o cadaver de Clorinda. Fui o unico. Pobre pequena!...

Inconscientemente, senti que as lagrimas me aljofravam nas palpebras.

Gustavo estava preso d'uma grande commoção, e não comia.

Um *salsa*, que nos vio tristes, brandiu a luneta de folha e pediu-nos um copo de cognac.—Offerecemos-lhe a garrafa. Embebedou-se.

A este tempo, a rapariga da mesa fronteira, já completamente ébria, cantava uma coisa obscena e réles, e no salão espiravam, entre um berreiro indecifrável, os ultimos accordes d'uma walsa de Strauss. E eis aqui como passei a noite de terça feira gorda de 1883, noite que jámais poderei esquecer, pelo tocante da aventura que venho de contar e que me impressionou profundamente.

ALFREDO GALLIS.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica